

Funções da Linguagem

1. LÍNGUA E FALA

A) LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO

Quando duas pessoas se comunicam e interagem entre si, dizemos que eles assumem papéis de interlocutores no ato comunicativo.

Interlocutores são as pessoas que participam do processo de interação humana.

Para se comunicar e interagir, as pessoas fazem uso da linguagem.

Linguagem é o processo de interação comunicativa que se constitui pela construção.

A fala, os gestos, o desenho, a pintura, a música, a dança, o código morse, o código de trânsito, o código dos surdos, o código telegráfico, tudo isso é linguagem.

Linguagem verbal é aquela cuja unidade é a palavra; já as linguagens não verbais têm unidade diferentes da palavra, como o gesto, a imagem, a nota musical, etc. Existem também as linguagens mistas, que combinam unidades próprias de diferentes linguagens.

Que tipo de linguagem veicula com maior rapidez uma informação? Por quê?

1.1 O Código

Código é um conjunto de sinais convencionados socialmente para a transmissão de mensagens

Língua é um tipo de código formado por palavras e leis combinatórias por meio do qual as pessoas de uma comunidade se comunicam e interagem entre si.

2. VARIEDADES LINGUISTICAS

1.2 As Variedades Linguísticas

Cada um de nós começa a aprender sua língua em casa, em contato com a família, imitando o que ouve e apropriando-se, aos poucos, do vocabulário e das leis combinatórias da língua. Nós vamos, também, treinando nosso aparelho fonador (a língua, os lábios, os dentes, os maxilares, as cordas vocais) para produzir sons que se transformam em palavras, em frase e em textos inteiros.

Em contato com outras pessoas, na rua, na escola, no trabalho, observamos que nem todos falam como nós. Há pessoas que falam de modo diferente por serem de outras cidades ou regiões do país, ou por terem idade diferente da nossa, ou por fazerem parte de outro grupo ou classe social. Essas diferenças no uso da língua constituem as variedades Linguísticas.

Variedades Linguísticas são variações que uma língua apresenta, de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada.

TEXTO E DISCURSO

Um **texto** é uma mensagem oral ou escrita. pelo menos é neste sentido que tomaremos aqui o termo.

Quanto a **discurso** – termo tomado em mais de um sentido por professores e pesquisadores – significa aqui processo de produção e de interpretação do texto. Um estudo da linguagem sensível ao dis-

curso, neste sentido do termo, é aquele que não se limita ao texto em si, levando em conta as circunstâncias em que ele é produzido e interpretado, a saber, a cultura em que ele se insere, o perfil do emissor e do receptor, o momento histórico, o tipo de texto (literário, didático, científico, burocrático, jurídico etc.), o canal utilizado (televisão, rádio, jornal, telefone, fax, e-mail, a pura e simples conversa tête-a tête etc.)

3. O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

A) ESTUDO INSTRUMENTAL E PRÁTICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

3.1 EXPRESSÃO ORAL E ESCRITA

A língua, representada por sons, palavras, frases, textos, é um material de comunicação, dependente de vários fatores, para, em conjunto com eles, produzir significados e estabelecer relações humanas. Portanto, não se isola como única a produzir entendimentos entre pessoas. Depende principalmente de situações (contexto) e de intenções para significar mais completamente. Um gato nem sempre é um felino; às vezes, uma pessoa bonita, o namorado de alguém; às vezes, pode se dirigir a alguém quando furta alguma coisa; em outras, pode designar uma ligação elétrica clandestina.

3.2 NÍVEIS E MODALIDADES DA LÍNGUA

É por depender de situações e de intenções, principalmente, que a língua apresenta variações, dentro de suas modalidades básicas, a oral e a escrita. Como se sabe, essas duas modalidades apresentam entre si diferentes níveis, desde o vulgar, passando pelo descontraído, pelo formal, em ambas as modalidades, até o considerado mais nobre, o literário, na escrita.

Kury (1972) apresenta um quadro das variações socioculturais com as duas modalidades de língua, oral e escrita, cada qual com quatro diferentes níveis e registros:

- Modalidade falada – vulgar, coloquial corrente, coloquial culto e ultraformal
- Modalidade escrita – vulgar, descontraído, formal e literário.

Modalidade Falada

Vulgar – próprio dos falantes sem instrução, analfabetos e semi-analfabetos, bem como dos elementos marginais da sociedade, e usado igualmente pelos que os imitam. É neste registro que se mesclam mais habitualmente os modismos grupais – e também os termos chulos, grosseiros, de calão. As normas e padrão de correção geralmente aceitos pela comunidade são totalmente ignorados.

Coloquial corrente (descontraído) – é registro da linguagem familiar, corrente, usada pela maioria dos membros de uma comunidade linguística, nas situações informais, na maior parte das situações da vida social. É uma linguagem despreocupada, espontânea, nada ou pouco fiscalizada quanto à correção – em suma, a linguagem de todas as horas.

Coloquial culto – “da linguagem cuidada, tensa, fiscalizada quanto à correção, seguindo os padrões gramaticais geralmente aceitos. É uma ‘língua de paletó e gravata’, empregada pelas pessoas educadas, em circunstâncias algo formais, como por exemplo uma sala de aulas, uma reunião profissional, uma palestra dirigida ao público em geral, uma conversa não descontraída entre pessoas de instrução. Devidamente utilizada, a língua culta não foge à naturalidade, o que não acontece no registro seguinte.”

Ultraformal – “em que, pelo fato de se imitar servilmente a língua literária conservadora, a fala tem certo sabor antiquado, e soa como artificial, rebuscada. Há preocupação extrema com a correção gramatical, o usuário parece trajar sempre casaca ou fraque... (dos modelos mais quadrados...). É a linguagem de conferências e discursos empolgados cerimoniosos e empolgados, de certas reuniões

acadêmicas, excessivamente formais, e dos puristas em geral – um tanto fora da realidade, em suma.”

A) MODALIDADE ESCRITA

Vulgar – “de pessoas sem instrução, apenas alfabetizadas, obrigadas em certas circunstâncias a escrever, a expressão vem carregada de formas pertencentes ao registro vulgar da modalidade oral, consideradas como desvios da norma vigente para a língua escrita. Situam-se neste nível, por exemplo, um recado ou bilhete apressado, o orçamento de um serviço doméstico, cartazes, avisos improvisados, tabuletas, pedido, solicitações etc., e mesmo os escritos daqueles que, em certas seções da imprensa, intencionalmente imitam o linguajar das classes baixas”.

Descontraído – “de que o melhor exemplo é a correspondência íntima, mesmo entre pessoas de instrução. Sofre duas influências antagônicas: a da língua coloquial corrente [portanto oral] e a língua escrita formal (nível seguinte), do que resulta o seu caráter misto, um tanto híbrido, de um lado, termo e expressões familiares, inclusive de gíria, com o desrespeito, muitas vezes voluntário, de certas normas de gramática, de outro, pelo próprio lastro cultural de quem escreve, surgem termos e construções eruditos, determinados pelo próprio assunto versado. É a crônica, muitas vezes, excelente exemplo da utilização deste registro”

Formal – “em que, sem intuito específico, é visível a preocupação de se seguir a norma gramatical. Neste registro se redigem (ou pelo menos deveriam redigir-se) as leis e outros atos oficiais, livros didáticos e científicos, ensaios, etc. É nesta variante da língua escrita que o aluno deve ser progressivamente levado a expandir-se – dura tarefa para o professor de Português, dificultada cada vez mais, hoje em dia, pelo relaxamento crescente da boa expressão escrita, graças, em grande parte, à invasão progressiva e avassaladora dos meios não verbais (televisão, cartazes de propaganda, quadros etc.).”

Literário – “o nível mais alto da língua escrita, de finalidade estética, buscando cingir-se às normas vigentes (mal formuladas ainda, no seu todo), e que se diversifica atualmente em duas grandes correntes:

- a) a corrente conservadora, tradicionalista (...) que à sensibilidade da maioria dos brasileiros soa bem antiquada e artificial;
- b) a corrente renovadora, que procura aproximar a língua literária da oralidade expressiva e incorpora termos e sobretudo construções de há muito vigorantes nessa, e que a corrente conservadora evita ciosamente. Vão-se utilizando cada vez mais os torneios expressivos da língua viva, que assim vai contribuindo para renovar permanentemente a língua escrita, injetando-lhe nova seiva.

Nesta corrente há uma ramificação que podemos chamar revolucionária, de caráter experimental, esteticamente das mais válidas, sem a menor dúvida, mas que, pelo fato de fugir deliberadamente da norma em vigor, não pode indicar-se para modelo. Mário de Andrade e Guimarães Rosa pós-Sagarana podem exemplificar esta variante”

Bibliografia Básica:

GARCIA, Othon. **Comunicação em Prosa Moderna**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

Machado, Leo Bárbara. **A Conversação**. Rio de Janeiro: UFRJ, caderno de pós-graduação em Linguística do Texto., 2000.

4. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Estes dois conceitos são muito fáceis de entender se lembrarmos que duas partes distintas, mas interdependentes, constituem o signo linguístico: o significante ou plano da expressão - uma parte perceptível, constituída de sons - e o significado ou plano do conteúdo - a parte inteligível, o conceito. Por isto, numa palavra que ouvimos, percebemos um conjunto de sons (o significante), que nos faz lembrar de um conceito (o significado).

A denotação é justamente o resultado da união existente entre o significante e o significado, ou entre o plano da expressão e o plano do conteúdo. A conotação resulta do acréscimo de outros significados paralelos ao significado de base da palavra, isto é, um outro plano de conteúdo pode ser combinado ao plano da expressão. Este outro plano de conteúdo reveste-se de impressões, valores afetivos e sociais, negativos ou positivos, reações psíquicas que um signo evoca.

Portanto, o sentido conotativo difere de uma cultura para outra, de uma classe social para outra, de uma época a outra. Por exemplo, as palavras senhora, esposa, mulher denotam praticamente a mesma coisa, mas têm conteúdos conotativos diversos, principalmente se pensarmos no prestígio que cada uma delas evoca.

Desta maneira, podemos dizer que os sentidos das palavras compreendem duas ordens: **referencial ou denotativa e afetiva ou conotativa**.

A palavra tem **valor referencial** ou **denotativo** quando é tomada no seu sentido usual ou literal, isto é, naquele que lhe atribuem os dicionários; seu sentido é objetivo, explícito, constante. Ela designa ou denota determinado objeto, referindo-se à realidade palpável.

Denotação é a significação objetiva da palavra; é a palavra em "estado de dicionário"

Além do sentido referencial, literal, cada palavra remete a inúmeros outros sentidos, virtuais, **conotativos**, que são apenas sugeridos, evocando outras idéias associadas, de ordem abstrata, subjetiva.

Conotação é a significação subjetiva da palavra; ocorre quando a palavra evoca outras realidades por associações que ela provoca

O quadro abaixo sintetiza as diferenças fundamentais entre denotação e conotação:

| DENOTAÇÃO | CONOTAÇÃO |
|---|---|
| palavra com significação restrita | palavra com significação ampla |
| palavra com sentido comum do dicionário | palavra cujos sentidos extrapolam o sentido comum |
| palavra usada de modo automatizado | palavra usada de modo criativo |
| linguagem comum | linguagem rica e expressiva |

a) Exemplos de conotação e denotação (textos 1 e 2)

Para exemplificar, de maneira simples e clara, estes dois conceitos, vamos tomar a palavra **cão**: terá um sentido denotativo quando designar o animal mamífero quadrúpede canino; terá um sentido conotativo quando expressar o desprezo que desperta em nós uma pessoa sem caráter ou extremamente servil. (Otto M. Garcia, 1973)

Nas receitas abaixo, as palavras têm, na primeira, um sentido objetivo, explícito, constante; foram usadas denotativamente. Na segunda, apresentam múltiplos sentidos, foram usadas conotativamente. Observa-se que os verbos que ocorrem tanto em uma quanto em outra dissolver, cortar, juntar, servir, retirar, reservar - são aqueles que costumam ocorrer nas receitas; entretanto, o que faz a diferença são as palavras com as quais os verbos combinam, combinações esperadas no **texto 1**, combinações inusitadas no **texto 2**.

| TEXTO I | TEXTO II |
|--|---|
| <p>Bolo de arroz</p> <p>3 xícaras de arroz 1 colher (sopa) de manteiga 1 gema 1 frango 1 cebola picada 1 colher (sopa) de molho inglês 1 colher (sopa) de farinha de trigo 1 xícara de creme de leite salsa picadinha</p> <p>Prepare o arroz branco, bem solto. Ao mesmo tempo, faça o frango ao molho, bem temperado e saboroso. Quando pronto, retire os pedaços, desosse e desfie. Reserve. Quando o arroz estiver pronto, junte a gema, a manteiga, coloque numa forma de buraco e leve ao forno. No caldo que sobrou do frango, junte a cebola, o molho inglês, a farinha de trigo e leve ao fogo para engrossar. Retire do fogo e junte o creme de leite. Vire o arroz, já assado, num prato. Coloque o frango no meio e despeje por cima o molho. Sirva quente.</p> <p>(Terezinha Terra)</p> | <p>Receita</p> <p>Ingredientes</p> <p>2 conflitos de gerações 4 esperanças perdidas 3 litros de sangue fervido 5 sonhos eróticos 2 canções dos beatles</p> <p>Modo de preparar</p> <p>Dissolva os sonhos eróticos nos dois litros de sangue fervido e deixe gelar seu coração.</p> <p>Leve a mistura ao fogo, adicionando dois conflitos de gerações às esperanças perdidas.</p> <p>Corte tudo em pedacinhos e repita com as canções dos beatles o mesmo processo usado com os sonhos eróticos, mas desta vez deixe ferver um pouco mais e mexa até dissolver.</p> <p>Parte do sangue pode ser substituído por suco de groselha, mas os resultados não serão os mesmos.</p> <p>Sirva o poema simples ou com ilusões.</p> <p>(Nicolas Behr)</p> |

b) Exemplo de texto denotativo (texto 3)

Os textos **informativos (científicos e jornalísticos)**, por serem, em geral, objetivos, prendem-se ao sentido denotativo das palavras. Vejamos o texto abaixo, em que a linguagem está estruturada em expressões comuns, com um sentido único.

Texto 3 - texto técnico-científico**Canibalismo entre insetos**

Seres que nascem na cabeça de outros e que consomem progressivamente o corpo destes até aniquilá-los, ao atingir o estágio adulto. ... Esse é um enredo que mais parece de ficção científica. No entanto, acontece desde a pré-história, tendo como protagonistas as vespas de certas espécies e as paquinhãs, e é um exemplo da curiosa relação dos 'inimigos naturais', aproveitada pelo homem no controle biológico de pragas, para substituir com muitas vantagens os inseticidas químicos.

(Revista Ciência Hoje, nº 104, outubro de 1994, Rio, SBPC)

c) Exemplo de texto conotativo (texto 4)

Além dos poetas, **os humoristas e os publicitários** fazem um amplo uso das palavras no seu sentido **conotativo**, o que contribui para que os **anúncios** despertem a atenção dos prováveis consumidores e para que o dito humorístico atinja o seu objetivo de fazer rir, às vezes até com uma certa dose de ironia.

Por exemplo, na propaganda de um 'shopping', foi usada a seguinte frase:

Texto 4 - propaganda

O Rio Design Center acaba de ganhar um novo piso.

Marmoleum

o piso natural

(Revista Veja Rio, maio/junho, 96)

O anúncio tem aí um duplo sentido, pois transmite duas informações:

1. o Rio Design Center ganhou uma nova loja - PAVIMENTO SUPERIOR - onde estão à venda pisos especiais;
2. nesta loja é possível encontrar o material para piso, importado da Holanda, que se chama Marmoleum.

Na frase que fecha o anúncio, desfaz-se a ambiguidade: "Venha até **a** (ao invés de **o**) Pavimento Superior e confira esta e outras novidades de revestimentos para pisos". Mas a frase de abertura faz pensar em outros sentidos: o centro comercial ganhou um novo andar, um novo pavimento, ou ganhou um revestimento novo em todo o seu piso, em todo o seu chão.

d) Exemplo de conotação

Os **provérbios ou ditos populares** são também um outro exemplo de exploração da linguagem no seu uso conotativo. Assim, "**Quem está na chuva é para se molhar**" equivale a "/Quando alguém opta por uma determinada experiência, deve assumir todas as regras e consequências decorrentes dessa experiência". Do mesmo modo, "**Casa de ferreiro, espeto de pau**" significa O que a pessoa faz fora de casa, para os outros, não faz em casa, para si mesma.

A respeito de **conotação**, Othon M. Garcia (1973) observa: "Conotação implica, portanto, em relação à coisa designada, um estado de espírito, uma opinião, um juízo, um sentimento, que variam conforme a experiência, o temperamento, a sensibilidade, a cultura e os hábitos do falante ou ouvinte, do autor ou leitor. Conotação é, assim, uma espécie de emanção semântica, possível graças à facilidade que nos permite relacionar coisas análogas ou semelhantes. Esse é, em essência, o traço característico do **processo metafórico**, pois metaforização é conotação".

A Oralidade Na Gramática Do Ensino

Preti (1994, p.62) confirma:

Os meios de comunicação de massa tentam, hoje, uma aproximação entre a língua falada e a escrita, e, por isso, a imprensa, o rádio, a tevê e o cinema servem-se, quase sempre, de uma norma comum, intermediária, que satisfaz ao receptor, aproximando-se de sua linguagem falada e que, por outro lado, não choca as tradições escritas, com obediência à ortografia oficial, etc.

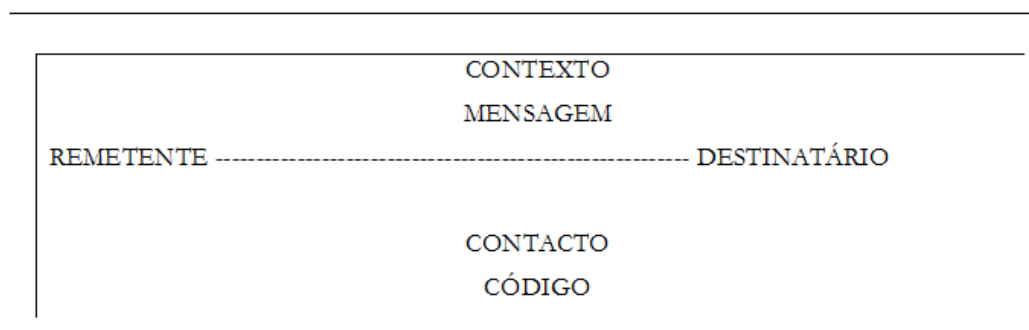
Nessa medida, tornam-se necessários o conhecimento e o domínio do papel dos elementos da comunicação no processo das relações sociolinguísticas, bem com as funções da linguagem.

Tomemos as palavras de Jakobson (1970, p.123), sobre o processo e seus elementos da comunicação:

O REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO (...), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e o destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e finalmente, um CONTACTO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação.

Remetente e destinatários são também chamados de emissor e receptor, respectivamente.

Esses fatores da comunicação soam em geral assim representados:



Esses fatores da comunicação determinam as seguintes funções da linguagem:

- **emotiva** – mensagem centrada no remetente

"Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa. Não sou alegre nem sou triste: sou poeta" (Cecília Meireles)

- **conativa** – também chamada de função apelativa. Orienta-se para o destinatário. Diferentemente da emotiva, que muitas vezes manifesta-se pela interjeição, a conativa, como diz Jakobson (1970, p.126), “encontra sua expressão mais pura no vocativo e no imperativo”

Chegue bem em Visconde de Mauá.

- **Fática** – utilizada para testar o contato, para “prolongar ou interromper a comunicação, para verificar se o canal funciona (“alô, está me ouvindo?”), para atrair a atenção do interlocutor ou confirmar sua atenção continuada.” (Jakobson, 1970, p.126)

“entende?”

“Não é?”

“...tipo assim...”

“você tá prestando atenção no que tou falando?”

- **Referencial** – o mesmo que função denotativa. Orienta-se para o objeto, para o referente.

“O Rio de Janeiro é uma grande cidade, mas apresenta sérios problemas sociais.”

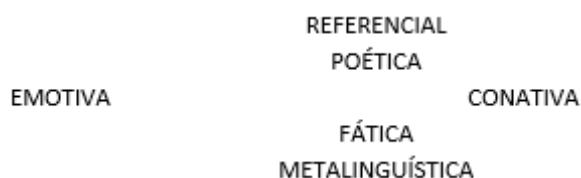
“Chove no Nordeste”

- **Poética** – o mesmo que função conotativa. Orienta-se para a mensagem. “É o enfoque da mensagem por ela própria” (Jakobson, 1970: 128). Valem para esta função os mesmos princípios do registro literário, desenvolvido na unidade anterior.

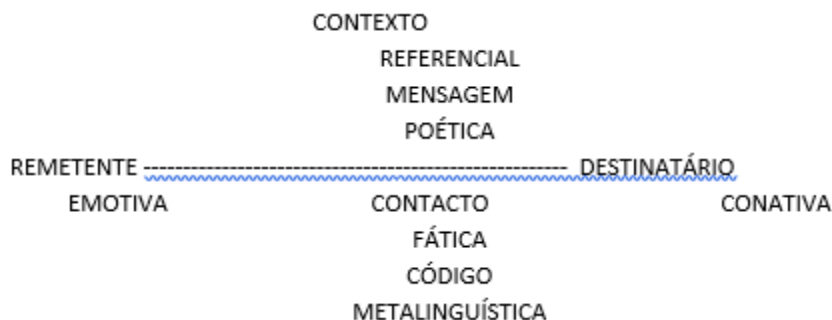
“Chove no meu coração”.

- **Metalinguística** – orienta-se para o código. Fala da própria linguagem. Nessa medida, toda esta apostila, assim como todo curso, utiliza-se da metalinguagem.

Considerando-se a estreita relação dos elementos da comunicação com as funções da linguagem, eis o esquema destas:



Pelo que se visualiza nas duas representações, mais o fato de que os ingredientes da comunicação são determinantes das funções da linguagem, juntamos os dois gráficos.



É notória a influência da linguagem oral sobre a escrita. O uso repetido e crescente de certas formas e construções acabam por atingir a norma e provocar certas mudanças. Mas, na maioria dos casos, resiste-se a certas tendências, no sentido de preservar o estatuto da escrita que, pelo tempo de que dispõem leitor e escritor e pela possibilidade de uma visão mais crítica sobre o texto, permite a observação dos fatores de escolha no sentido da correção, da clareza, da estética e da comunicação da mensagem. A prática de uma gramática conversacional deve desenvolver-se em questões que respondam à pergunta feita no início desta unidade:

Quais as interferências da oralidade que criam dificuldades no uso da língua escrita ou que podem gerar novas tomadas de posição da gramática tradicional, quer modificando-se para a aceitação pela força do uso, quer reforçando-se no sentido de sustentar as normas existentes?

Sendo assim, do ponto de vista prático, que aponte na direção do ensino do uso da língua, a gramática conversacional vai implicar os elementos de organização da língua, na fronteira entre a fala e a escrita, ou de todos os elementos da fala aceitos na escrita, ou toda sinalização da fala marcada na escrita. Neste caso, apresentamos a seguir alguns dos mecanismos da gramática conversacional.

- a) a **seleção e a adequação vocabulares**, que muitas vezes sofrem consequências dessa aproximação oral/escrita. São casos, por exemplo, de substantivos e verbos, principalmente, de sentido genérico, utilizados com diferentes acepções e aceitos na fala e que passam para a escrita. Por exemplo, a palavra coisa e seu verbo **coisar**; o pronome você, em vez de nós, a gente, a gente, a pessoa, alguém, o indivíduo; certos conectivos, sobretudo que; os verbos ter nos sentidos de carregar, sofrer de, hospedar, gozar etc.; pôr por vestir, depositar, arrumar, publicar etc; fazer em vez de construir, criar, escrever, arrumar, completar et.; dar em lugar de cobrir, encontrar, bater, publicar, oferecer.;
- b) a **pontuação**, enquanto representante da fala na escrita;
- c) a **concordância**, em certas dificuldades na escrita por influência da fala, neste caso, por exemplo, do verbo com o sujeito posposto e de toda silepse;
- d) a **regência**, no chamado pronome relativo universal (a moça **que** eu falei ontem) e em outros pronomes precedidos ou não da preposição; em verbos como usufruir, desfrutar, sonhar, concordar, discordar, assistir etc.; em casos de regência nominal em que a norma pede preposição e o oral recusa, por exemplo: tenho a impressão que, tenho dúvida que;
- e) a **colocação**, em que predomina a tendência à próclise por influência da fala brasileira;
- f) a **repetição**, sobretudo de palavras, um dos traços mais marcantes da fala;
- g) os **pronomes**, no uso dos pessoais retos pelos oblíquos e vice-versa: entre você e eu; pra mim fazer;
- h) a **ortografia**, em certas confusões como **e** e **i** e vice-versa, por exemplo:

